

O VALE DO AMANHECER E SUAS VISUALIDADES EM CENA E ENCENADAS

OLIVEIRA, Daniela de; MARTINS, Alice fátima
Faculdade de Artes Visuais – UFG
doliva4@hotmail.com

Palavras-Chave: Performance Cultural, Cultura Visual, Vale do Amanhecer.

1 – INTRODUÇÃO (Justificativa e objetivos)

Este trabalho é parte do processo de minha pesquisa de dissertação de mestrado em cultura visual, que tem como objeto de estudo as visualidades em cena no contexto sócio-religioso do Vale do Amanhecer, comunidade situada em Planaltina, Distrito Federal.

O Vale do Amanhecer é uma comunidade religiosa milenarista, que foi edificado em 1957, e destaca-se por seu sincretismo de crenças e símbolos e por sua peculiar visualidade, representada, principalmente, pelos diversos espaços ritualísticos e pelas indumentárias utilizadas por seus adeptos. Sua história está fortemente ligada à vida de sua fundadora e visionária, Neiva Chaves Zelaya - conhecida carinhosamente como Tia Neiva - médium clarividente, falecida em 1985, aos 60 anos. Ela fez parte da leva de nordestinos que foi para o Planalto Central trabalhar na construção de Brasília, sendo a grande responsável pelo surgimento do Vale, e é, até hoje, muito amada e respeitada por seus seguidores, que fazem questão de manter sua história viva e presente, tanto na ordem espiritual quanto material, em todos os espaços sagrados e profanos do Vale.

Este trabalho, referendando-se, nos estudos da Performance e seu significado cultural, apóia-se teoricamente em três vertentes conceituais que se atentam aos estudos dos comportamentos humanos em situação de representação, ou seja, em situações performáticas. São eles: A Etnocologia, a Performance Studies e a Antropologia Teatral.

Partindo desse suporte teórico-conceitual, o foco de reflexão está voltado para a análise das visualidades representadas – e encenadas – pelos corpos dos praticantes da doutrina do Vale do Amanhecer, cujas interações sócio-simbólicas e cenológicas denotam o entrelaçamento entre a ordem do sagrado e a ordem do profano que, embora muito bem distintos nos momentos ritualísticos, se entrecruzam no e com o dia-a-dia dos moradores da comunidade, que convivem naturalmente com as instalações cenológicas, suas práticas rituais, bem como com as indumentárias utilizadas.

Destaca-se, portanto, que o Vale do Amanhecer demarca uma territorialidade ocupada pelos seguidores de sua doutrina religiosa, cujas práticas corporais, circunscritas e inscritas nas instalações cenológicas, instauram e reforçam a identidade desse grupo social, em que as performances rituais corroboram e reatualizam a história local, atuando na vida cotidiana e reafirmando a memória coletiva da comunidade, cuja expressiva visualidade estética salta aos olhos de seus visitantes, salientando, assim, o grande o poder atribuído às imagens dentro desta comunidade.

2. METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho está pautada na observação-participante, a partir de entrevistas com três sujeitos sociais, em destaque a entrevista com o artista plástico Vilela, criador e produtor das referidas imagens que compõem a cena do Vale do Amanhecer, valendo-se da Etnografia Visual como campo de reflexão da Cultura Visual, utilizando-se de registros fotográficos e videográficos como suportes visuais e analíticos sobre as dramatizações performáticas pelas quais o Vale do Amanhecer está pautado.

Além disso, partindo das categorias teóricas já citadas, tem-se o intuito de propor um diálogo entre a *Etnocologia* e as outras duas correntes de análise no campo da performance, aqui selecionados, a *Performance Studies* e a *Antropologia Teatral*, com o objetivo de abrir um leque maior de discussão e reflexão sobre as ações performáticas e suas incursões no contexto teórico-prático do pensamento social contemporâneo, aglutinando e cruzando essas abordagens – suas afinidades e divergências – principalmente no que concerne às práticas do corpo e sua relação com as práticas sócio-culturais.

Vale ressaltar, ainda, que a observação-participante desta pesquisa é de tipo etnográfico, e que também se faz presente, neste trabalho, o cruzamento entre o processo de pesquisa e a natureza vivencial - experiência vivida, sentida, interagida – da pesquisadora, vez que se tem hoje uma validação metodológica pautada, também, no sujeito que pesquisa, a partir de uma estrutura mais aberta, e de uma racionalidade mais plural e transdisciplinar, em que o pesquisador também é visto como protagonista do processo de pesquisa (SANTOS, 1991).

3.RESULTADOS E DISCUSSÃO

A exacerbação visual presente, principalmente, nas indumentárias e nas instalações cenológicas dos espaços ritualísticos no Vale do Amanhecer, compõe uma trama que acaba mesclando os elementos das situações de representação com os elementos das situações cotidianas, inclusive sobre as ações e práticas corporais desses atores/sujeitos, que acabam por constituir-se em memória e identidade coletivas.

Portanto, as visualidades da cena, que é fortemente acentuado no contexto desta comunidade, configuram uma relação de trânsito entre o ordinário e o extraordinário, uma afluência, através das práticas corporais das pessoas, membros da doutrina, em que o cotidiano e os rituais se imbricam, onde os espaços são concomitantemente interpenetrados por ambas as práticas.

Esse trânsito, no contexto da cultura visual, *rouba* a cena das práticas corporais e religiosas e deflagra uma plasticidade de forte impacto, resultante de uma emoção estética que contribui para salientar a peculiaridade da constituição e da formação da identidade da comunidade do Vale do Amanhecer.

4.CONCLUSÃO

A pesquisa de campo propriamente dita foi iniciada em fevereiro de 2006 e está instrumentalizada na coleta de dados por meio da observação em campo, de

entrevistas, dos recursos da fotografia e do vídeo como elementos narrativos de caráter mais visual, além, é claro, das categorias teóricas já referidas.

A pesquisa já constitui um acervo fotográfico e videográfico, faltando ainda, a seleção das imagens, a produção e a edição de um vídeo-documental, que fará parte da apresentação final do trabalho.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBA, Eugenio; SAVARESE, Nicola. A arte secreta do ator: dicionário de Antropologia Teatral. Campinas: Hucitec, 1995.

BIÃO, Armindo. Estética Performática e cotidiano. In: TEIXEIRA, João Gabriel (Org.). *Performáticos, performance e sociedade*. Brasília: Ed. UnB, 1996. Cadernos

CARLSON, Marvin. *Performance: a critical introduction*. Nova York: Routledge, 1996.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Paulus, 1989.

GREINER, Christine, BIÃO, Armindo. (Orgs.). *Etnocenologia: textos selecionados*. São Paulo: Annablume, PPGAC/GIPECIT, 1999.

LANGDON, Esther Jean. Performance e preocupações pós-modernas na Antropologia. In: TEIXEIRA, João Gabriel (Org.). *Performáticos, performance e sociedade*. Brasília: Ed. UnB, 1996. Cadernos

MAUSS, Marcel. Noção de técnica corporal. In: _____. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: E.P.U., 1974. vol. 2, p. 211-233.

MEDEIROS, Maria Beatriz de. Performance. In: _____. *Aisthesis: estética, educação e comunidades*. Chapecó: Argos, 2005.

REIS, Marcelo Rodrigues dos. *Discurso e temporalidades: a construção da memória e da identidade no Vale do Amanhecer*. Dissertação de Mestrado, Brasília, Departamento de História, UnB, 2004.

SANTOS, Boaventura de S.. *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Afrontamento, 2001.

SIQUEIRA, Deis. E. Psicologização das religiões: religiosidade e estilo de vida. In: NUNES, Brasilmar Ferreira (Org.). *Sociedade e Estado*. Volume XIV, n. 1, Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília – Brasília: O Departamento, 1999.

FONTE DE FINANCIAMENTO: CAPES